Amor a céu aberto

Flora Figueiredo

novo século®

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe **Le Livros** para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la, ou aos que pretendem verificar sua qualidade antes de faze-lo. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância.
A generosidade e a humildade são marcas da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e deseja e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

Le Livros

http://LeLivros.com



Flora Figueiredo

Amor a céu aberto

2ª EDIÇÃO

novo século

Copyright © 2011 by Flora Figueiredo
Produção editorial: Equipe Novo Século
Capa: Rodolfo Rezende
Diagramação: Diego Cortez
Revisão: Novo Século
Diagramação para ebook: Janaína Salgueiro
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Figueiredo, Flora
Amor a céu aberto / Flora Figueiredo. -- Osasco, SP : Novo Século Editora, 2010.
1. Poesia brasileira I. Título.
09-13349
CDD- 869.91
Índices para catálogo sistemático:
1. Poesia : Literatura brasileira 869.91
2011
Direitos cedidos para esta edição à
Novo Século Editora.
Rua Aurora Soares Barbosa, 405 – 2o andar
CEP 06023-010 – Osasco – SP
Tel.: (11) 3699-7107 – Fax: (11) 3699-7323
www.novoseculo.com.br
atendimento@novoseculo.com.br

Ao Carlos, meu parceiro de vida e grande incentivador do meu trabalho.

Enquanto houver mulheres alegres ou tristes falando,
florando, fluindo e influindo de amor,
a humanidade pode ter alguma esperança.

Artur da Távola

Amantíssimo

Aquela lasca de lua
minguando na noite
como um traço gasto
é só amostra do que faço,
quando apaixonada.
Suguei-a quase inteirinha,
para saber se ela continha
o doce celebrado pelo poeta.
Empanturrei-me de amor
de lua tanta,
que hoje ela mal brilha e se levanta.
E eu deito, solto a vida e faço dieta.

Fronteira

Sou capaz de fazer florescer
quantas flores você desejar
e lhe dar uma a toda hora,
a cada dia,
o ano inteiro.
A reflora é permanente,
desde que você não tente avançar.
Evite pisar no meu canteiro.

Diurético

Bem que eu vi.
Seus olhos se molharam de repente.
Não se encabule.
A lágrima nada mais é que simplesmente
uma emoção que precisou fazer xixi.

De um telescópio:

vi tanta estrela tombar
inerte sobre o oceano,
que cheguei a duvidar:
será o céu o manto que se espera,
ou mero engano?

Abandono

A vida ficou de repente
apática e desinteressada,
como se pretendesse descer na próxima parada.
Abafou os sons que costumava ouvir,
com medo de sentir saudade.
Baixou os toldos sobre a claridade,
para que o brilho do dia
não arranhasse a solidão.
Preferia permanecer quieta e sombria.
Guardou o açúcar como se quisesse
impedir o doce
de mesclar o fel que, porventura, houvesse.
Sensações e sentimentos devidamente amordaçados,
rabiscou no papel seu breve recado:
“Saí para almoço.
Pretendo voltar, não sei se posso.
Seja, por favor, condescendente.
Quando o amor não está,
é costume da vida suspender o expediente.”

Beijos

Procure embaixo de sua saudade,
um beijo meu.
Em algum instante da despedida
ele se perdeu,
mergulhado, talvez,
numa lágrima perdida.
Não possui nada de especial:
a dose de açúcar
que no beijo é natural,
a tepidez de toda boca,
a umidade das várias emoções.
Com uma certa tendência
a contravenções,
é melhor que seja procurado
em lugares proibidos,
onde ele pense jamais ser encontrado.
Carrega de um lado
uma meia-tristeza conquistada
nos desatinos de uma noite,
daquelas em que a lua vem quebrada;
do outro lado, um sorriso
de quem sabe como chupar estrelas.
Sobraram-lhe sequelas e aderências
das muitas experiências
de quem já foi bolinar o paraíso.
Se for capaz de encontrá-lo,
devolva prontamente,
pois é evidente a falta que ele faz.
Mas é preciso que você fique bem ciente
de que beijo, uma vez que é devolvido,
não retorna ao dono antigo nunca mais.

Lição de casa

Você tampa a panela,
dobra o avental,
deixa a lágrima secar no arame do varal.
Fecha a agenda,
adia o problema,
atrasa a encomenda,
guarda insucessos no fundo da gaveta.
A ideia é tirar a tarja preta
e pôr o dedo onde se tem medo.
Você vai perceber
que a gente é que faz o monstro crescer.
Em seguida superar o obstáculo,
pois pode-se estar perdendo
um espetáculo acontecendo do outro lado.
Atravessar o escuro
até conseguir tatear o muro,
que é o limite da claridade.
Se tiver capacidade para conquistá-la,
tente retê-la o mais que puder.
Há que ter habilidade, sem esquecer
que a luz é mulher.
Do inferno assim desmascarado,
é hora de voltar.
Nao importa se é caminho complicado,
se a curva é reta,
ou se a reta entorta.
Você buscou seu brilho, voltou completa;
jogou a tranca fora, abriu a porta.

Royal flush

Reverências à Dama de Copas,
que ousa andar de coração a mostra,
leva flores nas mãos em vez de espadas,
em vez de paus e pedras enfeitadas,
que ostenta rubra uma paixão exposta.
Transita arfante pelos naipes
à procura de seu rei vermelho;
ao encontrá-lo, se queda de joelhos
férvida, túrgida, convulsa,
invade o castelo, tomba a pilastra,
pinta os quatro ases de amarelo.
Rainha absoluta das cartas da canastra.

Poema madurinho

Meu espelho anda ficando grisalho.
Vou colocá-lo atrás da porta
para que reflita com cuidado.
O abusado só vem cometendo ato falho.

Despedida

Se tiver que ir,
vai.
O que fica para trás,
não sendo mentira,
não racha,
nem rompe,
não cai.
Ninguém tira.
Já que vai,
segue se depurando pelo trajeto,
para desembarcar passado a limpo,
sem máscara,
sem nada,
sem nenhum desafeto.
Quando chegar,
sobe ao ponto mais alto do lugar,
onde a encosta do mundo
faz a curva mais pendente.
Então acena.
De onde eu estiver, quero enxergar
esse momento em que você vai constatar
que a vida vale grandemente a pena.

Regulamento

Eu não juro nada
por coisa alguma,
pois que todo caminho e de incerteza.
A ordem se desarruma,
a história se desajeita,
o arranjo troca de lado e vira a mesa.
Tampouco prometo.
Nesse jogo de regras e tratos,
rolam os dados,
mudam os fatos,
num ciclone célere, inclemente.
Só o que posso é me entregar completamente
a toda causa que eu me dedicar,
a cada tempo que eu puder viver,
a cada amor que me fizer amar.

A fila

O primeiro chegou cedo
porque tinha medo
de perder a frente;
o segundo resmunga furibundo
por encontrar alguém
mais eficiente;
o terceiro acha injusto
não ter tomado a ponta
pleiteada a tanto custo;
o quarto,
o quinto,
o sexto
encontram um pretexto
para discutir;
a fila se estica,
vira a esquina,
urina no poste,
chupa tangerina.
Há quem reclame,
há quem goste:
às vezes dá para beliscar
a moça que enfrenta
um décimo sexto lugar.
Se não for assim,
quem é que aguenta?
Depois de tanta demora,
a porta não abre,
a linha se desfaz e vai embora.
Atrás da porta
tem um sonho remoendo,
um plano insistindo,
um sorriso esboçando.
Do lado de fora,

a vida competindo,
o corpo envelhecendo,
a alma duvidando.
A fila amanhã chega sabendo
que a esperança, por prudência, está dormindo,
pois a porta, antes de abrir, já está fechando.

Para machucar
um pouco

Vou buscar a poesia onde ela estiver,
fazê-la deitar subjugada,
tênue,
passiva,
mansa,
mulher.
Quero-a solta e lassiva,
aberta e deflorada,
para fazer dela o que eu quiser.
Hei de dominá-la totalmente,
levá-la a gozar até a embriaguez.
Feita minha serva e dependente,
vou ofertá-la ao seu deleite.
Por favor, aceite.
Quero que ela o faça chorar outra vez.

Felicidade

Se eu pudesse congelar o tempo,
escolheria este momento,
exatamente agora,
nesta pouca hora
de uma quarta-feira.
O gerânio novo
enfeitando a prateleira,
o riso de criança
brilhando lá fora.
O livro aberto
no lugar certo,
que simplesmente diz:
“Eu não tenho nada,
mas rouxinóis gorgolejam versos na calçada.”
É assim que se começa a ser feliz.

Epiderme

Você não precisa ser tão doce
nem me azeitar tanto,
nem me embebedar dos cantos das
sereias.
Você não precisa fazer coisas
adoravelmente feias
para me subjugar.
Deixe apenas a pele falar com veemência,
que dela me alimento,
com devoção e dependência,
que nela me visto
e arrisco viver subcutânea.
Núcleo,
barro,
cerne,
massa.
Colada ao plasma,
a cada célula que se destaque e se desfaça,
assim como uma liga,
feito visgo,
feito viga.
Você não precisa se empenhar
para me fazer render subordinada,
se sua pele me mantém amalgamada
como se nascera talvez do seu olhar.
Você não precisa mesmo fazer nada.
Basta estar.

Cadeira de balanço

Vai chegar o dia
de minha cadeira balançar
vazia;
vai se aquietar o Noturno de Chopin
que toca sempre ao meu lado;
vai se quedar dobrado
o clássico jornal do café da manhã.
Provavelmente hão de permanecer
histórias divertidas,
ensinamentos,
brigas e arrependimentos,
problemas que dividimos,
parcerias que fizemos,
o doce que sempre repartimos,
os amargos que muitas vezes nós comemos.
Devem sobrar nas prateleiras
guirlandas e claves
caídas das cirandas,
que rodaram com a meninice.
Para vocês pode parecer tolice,
mas um dia
elas engrossaram de amor
a minha biografia.
Remendem a meia furada na ponta,
motivo de tanta discussão;
continuem tendo por perto
a lata de aveia
para quando o intestino não der certo;
é bom insistir na sopa de feijão.
Apagar a luz ao sair,
escovar os dentes antes de dormir.
Mas, acima de tudo, nunca dispersar.
Sei que a vida separa e distancia,

mas mantenham-se unidos
seja qual for o lugar
que cada um deva ocupar na geografia.
Nunca contrários,
nem bipartidos.
O destino gosta de rolar suas maldades
sobre sangues divididos,
sobre irmãos adversários.
Tomara que eu tenha sucedido
ao costurar com fio de eternidade
a alça pulsante de cada coração.
Do canto etéreo em que estiver guardada,
vou me alegrar por essa equipe tão amada, mandar a benção feita de plumas e algodão.

Historinha verde

Quando Deus criou o mar,
estava de bom humor.
Inventou um ioiô
que nunca parasse de ir e voltar.
Chegou então o homem
para usar a novidade.
Não é que o desastrado
se enrola com tal capacidade,
que suja, torce o fio e perde a bola!
Assustado, tenta um arranjo
com o arcanjo encarregado,
que argumenta:
“Você que é tão eclético,
já fez até a lua deflorada,
não requer a nossa ajuda para nada.
Inventa agora um mar sintético.
Para torná-lo ainda mais real,
nada mais natural do que uma ilha
com um belo farol para ofuscar.
Se o conjunto porém desagradar,
abra a tampa, corte a onda, tire a pilha.”

Leite moça

Aqui que ninguém nos ouça,
ela leva na bolsa
um vidro de desejo comprimido,
rotulado de candura.
Tampado pela censura,
pela Sé,
pelo marido.
Se a rolha cair
e o frasco entornar,
o pecado vai se divertir...
Deve vazar um caldo de ponto apurado
do muito tempo que ficou guardado,
que açucarou depois de pronto.
Vai correr leite de desejo condensado.

Inevitável

Se não fosse a beleza,
seria a graça;
se não fosse a graça,
seria a doçura;
se não a doçura,
quem sabe? – a simpatia,
ou até, talvez, – quem diria!
apenas a risada.
Mas mesmo que não fosse nada,
ainda assim,
seria.

Delírio

Tem um cacho de flor
se balançando às minhas costas,
que se diverte abertamente às minhas custas.
Oscila lasso, tão flacidamente,
que não sei se é vermelho perfumoso,
ou se é cheiroso vermelhosamente.

Viagem de volta

Utiliza o poro aberto
para deixar entrar o pólen certo;
a veia perfurada,
para fazer sair a coisa errada;
o pulmão dilatado,
para trocar o ar que está viciado.
Aproveito esse momento semprevivo
e te convido a beber em minha taça,
onde alegria borbulha, e é de graça,
onde poesia se faz sem aditivo.

Enguiço

Eis um amor que bate à porta
em hora imprópria.
Ousado, liga a lâmpada frouxa,
joga a trouxa de roupa ainda manchada
do sangue das costas lanhadas.
Impõe cadeado no portão,
como se não fosse sair mais,
caminha decidido sobre minha paz.
Esse temido amor de hora errada
já vem assobiando pelo corredor.
O trinco da porta é fraco
e não sustenta;
a oração é rala e pouco aguenta,
o medo é pequeno e permissivo.
A tal amor que chega inoportuno,
eu me condeno.
Porque me condeno é que me sinto vivo.

A pedidos

Querem um verso,
mas não sou capaz.
Vejo a palavra fraturar
as entrelinhas,
tento soldá-las,
mas não são minhas.
Rompeu-se o verbo
e me deixou pra trás.

Fax

Avise ao mundo que estou para chegar.
Peça a ele para guardar
um pedaço do azul de amanhã cedo,
que a nuvem vai crescendo
e eu tenho medo;
para aguar as flores que puder salvar
do corte da enxada e seus horrores;
adoçar o bico da passarinhada
que ainda tiver chance de voar,
(do pavão ao tico-tico).
Parece que o sol anda pleiteando uma polida
para me dar como presente a luz do dia.
Não sei se tenho esse direito,
mas já que venho,
bem que gostaria.
Se conseguir achar um tanto de água pura,
que a deixe preservada
para eu poder ver como se lava a febre,
como se embebe a racha da secura.
Segure um resto de manhã,
que acorda com perfume de roseira,
saborosa de alecrim.
Não sei quanto tempo vão deixar isso pra mim,
até que a terra escureça inteira
ou que a beleza embace por completo.
Mas, vou chegando de qualquer maneira.
Se me vê inquieto,
é pelo prenúncio da chegada, já tão perto.
Para garantir a minha entrada
nesse ato louco, nesse palco incerto,
estou contando ansiosamente com você.
Até daqui a pouco.
Um bebê.

Arquitetura

Solidão é quando se sente o próprio hálito,
se se descobre pálido olhando o vão do dedo.
Estar só é morrer de medo do silêncio,
amassar o lenço na palma da mão.
É quando a noção da vida se desloca,
sai do meio da rua, quer a toca,
onde o espaço menor não deixa sobra.
Solidão é o canteiro de obras da emoção:
nele se guardam materiais preciosos,
os pontiagudos, os tortos, os porosos,
que, se devidamente combinados,
serão perfeitamente aproveitados
como estrutura de uma nova construção.

Instruções de uso

O coração do poeta tem bordas flácidas.
Ele derrama, vaza, descamba.
O coração do poeta tem a perna bamba.
Constituição frágil e congênita.
Não adianta querer vitaminá-lo,
pois seu tônus se refaz nos frêmitos
das chegadas e dos abandonos.
O melhor é deixar-se amar
e, se possível, não deixar de amá-lo.

Navegador

Desenhei um oceano
para ser calmo, claro e plano.
Ele começou a se insubordinar:
inventou um movimento
só pra molhar meu bom comportamento.
Tive que me acostumar às ondulações.
Outra de suas diversões
foi me fazer mergulhar
sempre mais fundo,
na intenção de me ver esfolar
no lodo que atapeta o chão do mundo.
Com o tempo,
perdeu o senso de todo,
encalpelou, cresceu,
engoliu o castelo de areia que era meu.
Como rebelião,
reforço o nó de marinheiro
e conduzo meu veleiro
ávido, contra a correnteza.
O oceano vai com certeza se irritar
e querer derrubar a embarcação.
Em vão, pois dessa vez ele perde.
Aprendi a nadar o suficiente
para emergir no exato lugar
onde a terra se faz quente,
onde o mar é verde.

Vento novo

Estava enrolada em
teias e traças,
debaixo da escada,
lá no subsolo
da casa fechada.
Começava a tomar ares de desgraça.
Manchada do tempo,
fenescia
a esperar que um dia
alguma coisa acontecesse.
Antes que se perdesse completamente,
sentiu passar um vento cor-de-rosa.
Toda prosa, espanou a bruma,
pintou os lábios
e sem vergonha nenhuma
caprichou no recorte do decote.
A felicidade volta à praça
cheia de dengo e de graça,
com perfume novo no cangote.

Vamos

Deus:
Meu respeito.
Sei que não é direito escrever
só pra fazer reclamação.
É por isso então
que desta vez
venho propor ajuda.
Está tudo conturbado
em tudo quanto é canto,
pra tudo quanto é lado.
Ou é o canto que dá errado,
ou é o lado que não muda.
Decidi fazer a minha parte:
colorir a vida
com as cores que tenho.
Uma dose de empenho,
mais um tanto de arte.
Eu estendo a cor
sobre o tablado da desilusão.
Amarro a ponta
para que, esticada,
seja como um bordão
de uma dança improvisada.
Quero homenagear a esperança que resta,
convidar o mundo todo a vir à festa.
Se Seu regulamento permitir bailar,
venha conosco.
Teremos muito gosto em receber
o autor de todas essas fitas
que me propus combinar
para tornar a sorte mais bonita.
Busquei-as naquele arco colorido
com que Você pinta o céu,

saído das tintas da paleta.
Desculpe se meu ato é atrevido,
mas, se não for assim,
essa vida vai ficando branca e preta.

Pé-de-vento:

passou.
Sei que era ele
porque transformou
minha integridade
em pó de estrela.
Assoprou tanto,
que me fez perdê-la
completamente.
Se ele regressar num repente,
vou tentar detê-lo
para recuperar um fragmento
de claridade.
Pé-de-vento.
Há de voltar.
Levou meu brilho,
mas deixou saudade.

Geleia geral

Mentem todos, descaradamente:
eles mentem,
porque juram que a coisa está bonita.
Mentem tanto,
que a gente mente porque finge que acredita.

Nó

Estou perdidamente emaranhada
em seus fios
de delícias e doçuras.
Já não encontro o começo da meada,
não sei nem mesmo
se há uma ponta de saída,
ou se a loucura
vai num ritmo crescente
até subjugar a minha vida.
Não importa.
Quero seus nós de seda
cada vez mais cegos e apertados
a me costurar nas malhas e nos pelos.
Enquanto você me amarra,
permanece atado
na própria trama redonda do novelo.

Buraco da fechadura

Sobraram em cena
diversas fotos calcinadas
do muito tempo que ficaram desamadas.
O verbo tombado de um verso recitado
que agora já não rima com mais nada;
um escapulário puído de tanto refrão arrependido,
o cabide desnudo no armário,
recém-despido de seu sobretudo,
uma garrafa aberta em data memoranda;
o relógio que perdeu a hora certa.
Como moldura, até onde enxerga a fechadura,
uma varanda trepada de alamanda,
onde o sol murchou de susto,
rasgado que foi pela sombra de um arbusto.
O regador vencido por ervas danadas,
que daninhas duplicam-se banais,
avisa seco que encerrou a festa,
pois lírios brancos lá não gestam nunca mais.

Ao leitor desconhecido

Ele não sabe quem sou,
de onde venho,
o que faço, o que tenho,
onde quero chegar.
Conhece só minha linguagem,
que dispensa miçangas, paetês,
bugigangas de brilho,
vidrilhos, colchetes, ilhoses,
eternos algozes da ideia,
que a mantém longe da plateia,
numa torre isolada.
Nada sabe de mim e, no entanto,
hoje é para ele que escrevo,
que desenho meu canto em autorrelevo.
Somos capazes da mesma lua,
do mesmo pôr-de-mar,
quando o sol vai prevaricar,
tonto de estrelas;
somos parceiros de acampar dentro de flores,
provar dos seus licores,
sem nem sequer comprometê-las.
A esse meu par desconhecido
vale a curiosa informação
de que não tenho olhos azuis
(discutivelmente verdes como prêmio de consolação),
não sei nadar, nem falo alemão.
Um dia ainda aprendo a cozinhar.
Só se pode considerar um modo certo:
continuo a escrever porque o preciso perto,
companheiros de mundo até morrer.

Vértice

Abrir as portas
uma a uma,
galgar a coluna,
fechar o fosso.
Dissolver a resina,
limar a ferrugem,
cuspir o caroço.
Tomar o caminho morro acima.
Enlaçar o sol
para não deixar que o frio entranhe,
inalar a chuva antes que a febre assanhe,
lubrificar o vento.
No terceiro movimento,
chegar ao cume.
Afofar nuvem,
flutuar estrela,
adotar depressa um vaga-lume.
É preciso iluminar a vertente
o suficiente, pra nunca mais descê-la.

Lição de anatomia

Não leve a mal.
É a minha emoção coxo-femural
que desliza cálida,
buscando atávica
o equilíbrio da coluna vertebral.
Se encontrar o caminho ascendente,
vai tanger e lambiscar o lugar exato
que fica entre o bom senso e o palato.
Caso contrário, vai descer fremente,
numa roda-viva inconsequente,
sem qualquer noção de itinerário.
Quando estiver perto do final,
já vai estar intumescida e visceral.
Recomendo então que, numa ode à vida,
você possa ser seu usufrutuário.

Administrando

Não quero escrever um livro
a respeito
de cada amor imperfeito
que me aconteceu;
não quero musicar
toda vez que uma alegria se perdeu;
não quero decorar a parede
com desencanto ou nostalgia.
Prefiro admitir a flor
e a pétala que possa cair
para magoar o meu cenário.
Sei que todo peito é permeado de contrários,
que em todo jogo pode haver uma derrota.
Rabisco apenas a minha nota de rodapé:
“Não é só de vitórias que se escreve
uma verdadeira história de mulher.”

Trave

Alguma trave me mantém engasgado.
Não tem nome próprio,
nem gosto,
não tem forma de nada.
Fica assim oprimindo o peito,
que, suspirando,
empurra o coração para o lado direito
como se ele estivesse acaso incomodando.
Há que puxar essa massa pra fora,
socar-lhe a testa,
pisar-lhe o rabo.
Embalar tristeza é que não presta.
Se não a mando embora, então me acabo,
me alquebro,
termino definhando combalido.
Isso deve ter entrado de soslaio,
no balaio de um amor mal resolvido.

Compensação

Faz parte das nossas andanças
as mudanças que o tempo faz:
se o mundo já nos olha menos,
seguramente ele nos ouve mais.

Flutuações

O sonho aprendeu a pairar bem alto,
lá onde o sobressalto nem sequer nasceu.
Namorou a trôpega ilusão,
até que, trêfego e desajeitado,
desprendeu-se de seu reino idealizado,
veio pousar tamborilante em minha mão.
Assim, aquecido e aconchegado,
parece que se esqueceu de ir embora.
Na hora em que ressona distraído,
eu lhe pingo malemolências ao ouvido,
à sua inquietação eu me sujeito.
Eis que o sonho dorme agora aqui comigo,
seu corpo repousando no meu peito.

Teorema

Alguma coisa saiu errada
na minha Matemática.
Não sei se foi excesso de poesia,
dose demais de fantasia,
ou simplesmente falta de prática.
Tenho certeza que somei,
multipliquei pra dividir
em partes justamente desiguais.
Subtraí só de mim,
pra que pudesse lhe caber um tanto a mais.
Quando chego ao final da operação,
não consigo decifrar o que ocorreu.
A soma partiu, saiu devedora.
O resultado: noves fora, eu.

Minuto herege

Hoje tentei um papo com Deus,
mas Ele estava impertinente.
Só torceu o nariz e pôs defeito.
Amanhã tento de novo.
Por enquanto,
vou quebrando o ovo do meu jeito.

Tema antigo

Cara suja, perna torta
que recorta a rua em pedacinhos,
em busca de troco ou de carinho.
Sobra cadente a roupa na pele arrepiada.
Dorme ao relento, no saco de estopa,
filho de mãe morta, pai detento,
uma irmã vadia, outra viciada.
De seu canto de calçada,
vê a turba passar a sua urgência
como fosse estouro da boiada.
É caça ao tesouro ou testam resistência?
Quando ele crescer,
se a fome não ganhar,
se a cola não roer,
também quer chegar a algum lugar.
Caso consiga dominar sua desdita,
ele quebra a garrafa e corta a fita
como num gesto de inauguração
de quem começou coisa bonita.
Mas caco de vidro, cuspe, navalha, boné,
molambo, menino, bandalho, Zé.

Pontuação

Adormeci nas reticências da vida,
enquanto meditava tempos.
Aconcheguei-me nas dobras do vento,
onde a sombra tricota interrogação.
Não sei se me quedei assim vencido
por obra do cansaço, ou covardia,
recém-saído que vinha
da galeria do herói arrependido.
Às vezes despertando
para olhar na fresta da suspeita,
quando a visão se esforça,
(mas somente estreita),
tentando vislumbrar um movimento.
Hoje parece que vem um sol boiando lento,
querendo aportar em minha lassidão.
A vida reticente que me dê licença,
mas o brilho é forte, a tentação imensa,
desvisto o escuro,
descasco o vazio,
abraço o futuro.
Embarco num ponto de exclamação!

Sussurro

Aquiete-se para ouvir o silêncio:
a clorofila escorre pela haste,
a sombra e o sol ecoam um contraste
de quentes e frios na linha divisória.
Tente escutar a história da brisa
quando passa empurrando a bruma,
que, tola, embaça a púrpura da rosa.
Faça atenção ao momento de explosão
da metamorfose
que irrompe em grande dose
de véus e açúcares.
Sinta o cochilo dos nenúfares.
Se conseguir atingir
o ponto mais profundo da quietude,
vai poder ouvir o coração do colibri.
Ele bate minúsculo num peito passarinho.
A Terra se mobiliza para entoar
uma sonata azul em homenagem
a esse músculo coberto de plumagem,
que tão pequenininho é tão capaz de amar.

Sombra

Tem um lugar no meu quarto
em que a luz não entra.
Tudo que se tenta
não dá certo.
Em vão tirar telha,
abrir janela,
furar o teto.
Postou-se ali um escuro
soturno e quieto,
recentemente diagnosticado.
É uma fração de passado
que o tempo não leva
para não rever fatos,
e que a vida ceva
porque é da vida conservar mandatos.
Para que o escuro seja então cassado,
é preciso um clarão qualificado,
capaz de sorvê-lo em sucção;
que durante o processo de deglutição
use artimanha,
até transformá-lo em cavidade.
É nesse vão que vai florar felicidade,
parida da entranha do bicho-papão.

Kit

Trouxe para você
um kit ternura.
Vem composto
de um beijo molhado e aquecido
no ponto ideal.
Para não causar resfriado
nem queimadura de terceiro grau.
Uma mordiscada
para ser usada por perto da nuca,
de preferência sempre perfumada;
um sussurro na orelha,
no lado de trás,
onde o arrepio se satisfaz;
um abraço tão justo, tão justo,
que o coração pode levar um susto
com medo de ser atropelado;
um carinho tão preciso
que lhe faça desvestir o juízo,
e de tal habilidade,
que, a cada recaída minha
de infidelidade,
possa servir como abono.
Um aviso
para ser colado à testa
e em toda fresta que você tiver:
“Tem dono.”

Meia soquete

Não sei bem ao certo
onde foi que se escondeu a ingenuidade
que até bem pouco circulava aqui por perto.
Não sei se se perdeu atrás da rosa,
ou se foi no rumo de algum beija-flor.
Quero-lhe o favor de regressar,
pois a vida colocou em seu lugar
um sacrilégio.
Refaço a trança,
retomo a valsa,
tiro do armário meu rosário de lembranças.
Vou esperá-la na saída do colégio

Atitude

Esse seu silêncio
soa como um grito,
abafado em panos.
Só faz denunciar os danos que causei.
Desculpe o mau jeito,
mas comporto, em minha quota de defeitos,
não levar junto os enganos que eu amei.

Vivência

Se sua rua porventura aparecer
coberta de pétalas caídas
pela inclemência
de um vento qualquer,
não faça nada.
Deixe-a assim desordenada
descabida.
São reticências que sobraram da estação passada.
Acabarão varridas pela própria vida.

Noticiário

A Vergonha bocejou de tédio;
numa modorra medonha
subiu ao alto do prédio
e se atirou.
Empapou o solo, espatifada,
com o pouco sangue que usava
para poder ficar ruborizada.
Ninguém notou.

Análise

Estou te requisitando para uma experiência
em favor da vida,
em prol do futuro,
em nome da Ciência.
Para chegar à dedução final,
é fundamental
justapor tua célula à minha.
Se tudo acontecer como previsto,
como foi delineado no papel,
devo ser o próximo Nobel de Biologia.
Reza a teoria em questão
que um plasma esfregado em outro plasma
é o primeiro fator de combustão.

Carta

Não sei onde encontrá-lo
neste exato instante.
Nem se você carrega consigo
sua dose excitante de perigo
e a lista de coisas importantes.
Perdi o fio da meada.
Lembro sua figura na calçada,
acenando ternamente;
um acordo apressado
e a semente plantada num lugar qualquer
para o diabo usar quando Deus quiser.
Enquanto isso,
escrevo aquilo que sinto,
sinto tudo que não devo.
Adorável labirinto!
Por enquanto,
é melhor deixar a poesia
divagar no espaço
sem um ponto certo pra pousar.
Pode ser que um dia
ela vá amanhecer no seu canto,
sorrateira.
A desenrolar-se frouxa sobre sua esteira.

Rotativo

Hoje a lua vai embora;
o chorão chora,
o caldo entorna.
Amanhã, a rosa é branca,
o céu é limpo,
o beijo é largo.
Amanhã de manhã, a terra é morna.

Trancos, planícies e barrancos

Terrenos acidentados e planos
vêm escrevendo a minha história.
Alguns danos sei de cor,
outros, a memória jogou fora.
Dos sucessos, guardo agora
fitas, flores e fatos,
sorrisos no porta-retratos,
um rosto suando conquista.
(Página dupla pra qualquer revista.)
Envelheço em todo fevereiro,
que prefiro receber de frente,
que costumo sentir de corpo inteiro.
Quando chegar minha data final,
que se transcreva exatamente igual
em minha cripta:
“Intensamente, amou e viveu.
Felizmente não morreu invicta.”

Mudança de endereço

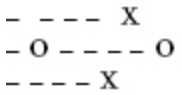
Saí a passeio dentro de mim,
e não gostei de te encontrar assim,
maltratado,
desnutrido.
Quando passar uma brisa nova
na busca de algum vento colorido,
vale a pena flanar junto
caso ela seja alcolchoada de algodão.
O suprimento de amor que carrego comigo
é endereçado a um outro coração.

Classificados

Troca-se tudo:
– criado-mudo e seu recheio de cartas superadas,
flores secas, novenas malsucedidas,
receitas para emagrecer;
– colchão gasto do lado direito;
– instrumento que só toca dó maior;
– natureza-morta,
onde frutas se combinam nostálgicas
sobre toalha xadrez;
– campainha que soa apenas quando não se espera
e nunca anuncia quem se quer;
– pilhas de revistas que insinuam
que o mundo já foi melhor;
– livros que é preciso ter,
mas que nunca foram lidos;
– bibelôs que empoeiraram olhando coisa alguma;
– terço incompleto, que perdeu seu Deus final.
Aceita-se em troca
pequena pipa de papel-de-seda,
que voe alto o bastante para enxergar a terra azul,
que seja capaz de romper nuvens,
bolinar sonhos,
driblar tempestades e beber fantasias.
Feito o trato, o proprietário assinará documento,
garantindo o caráter irrevogável da transação.
Esse deve ser emitido em seu próprio nome:
Passado.

Haicais

“Há quem exceda, em brevidade, a essa trova popular, de quatro versos, ou vinte e oito pés métricos. É o haicai japonês, pequeno poema de três versos, de cinco, sete e cinco pés métricos, respectivamente, que resumem uma impressão, um conceito, um drama, um poema, às vezes deliciosamente, não raro profundamente” (Afrânio Peixoto, Miçangas, p. 234-235).
Em 1936, Guilherme de Almeida acrescentou-lhe a rima fixando
a fórmula.



Aranha

Ouviu-se um estrondo.
Baleia presa na teia?
Não! É marimbondo.

Tristeza:

tempo destinado
a esfregar e descorar
nódoas do passado.

Céu

Numa pressa insana,
o jato divide em quatro
o azul-porcelana.

Estridência

Urge a maritaca.
Desafia a paz do dia
a golpes de faca.

Pisca-pisca

A noite caminha.
No negrume, o vaga-lume
acende a bundinha.

Flores

O canteiro assiste:
o antúrio, falso perjúrio,
põe o dedo em riste.

Obsessão

A estrela cadente
teima, se enrosca, se queima.
Quer o sol nascente.

Ortografia

Quanto desafeto!
A palavra se deprava
frente ao alfabeto.

Desaponto

Festa chega ao fim.
Beijos sobram na bandeja.
São de amendoim!...

Revolta

Grito se agiganta,
embrutece, se enfurece,
morre na garganta...

Namorados

Linha de combate:
as granadas e os petardos
são de chocolate.

Abril

O sol envelhece.
Pavio queima por um fio.
Verão que apodrece.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS
cadastre-se no site:
www.novoseculo.com.br
e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.

